AUTISMO DESAFIOS PEDAGÓGICOS

RODRIGO SOARES ROCHA

RESUMO

É um desafio contemporâneo para muitas pessoas professores, que se depara com a ocorrência do autismo, em seu meio ou até mesmo na escola. É uma deficiência sem causas evidentes com difícil diagnóstico e pré-conceitos, com ocorrências indefinidas, embora tenham diversas teses elaboradas por pesquisadores nacionais e internacionais, permanecendo um vasto desafio em nosso sistema educacional à inserção correta do aluno com seus direitos preservados.

Assim, o presente estudo busca servir de base sobre o tema para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Ao utilizar ações lúdicas em sala, o professor precisa ter a consciência de que o mesmo pode dar ou não os resultados, uma vez que a atividade proposta estará envolvida com múltiplos fatores e dificuldades para a gestão em sala de aula, os quais irão variar de acordo com o grupo, cabendo ao professor adaptar conforme o grupo com o qual pretende trabalhar, para que isso ocorra com sucesso é necessário que o professor esteja capacitado, e, sobretudo, consciente de que atividades e experiências alternativas, como o lúdico, promovem a aprendizagem no aluno.

Palavras-chave: Autismo; Educação; Pedagogia.

ABSTRACT

It is a contemporary challenge for many teachers, who are faced with the occurrence of autism, in their environment or even at school. It is a disability without obvious causes with difficult diagnosis and preconceptions, with undefined occurrences, although there are several theses prepared by national and international researchers, remaining a vast challenge in our educational system to correctly insert the student with their rights preserved. Thus, the present study seeks to serve as a basis on the topic for the development of future research.

When using playful actions in the classroom, the teacher needs to be aware that it may or may not give results, since the proposed activity will be involved with multiple factors and difficulties for management in the classroom, which will vary according to the group, and it is up to the teacher to adapt according to the group with which he or she intends to work. For this to occur successfully, the teacher must be trained, and, above all, aware that alternative activities and experiences, such as playful, promote student learning.

Keywords: Autism; Education; Pedagogy.

INTRODUÇÃO

Pessoas autismo manifestam alterações no desenvolvimento infantil nos primeiros meses de vida, estima-se que estas manifestações ocorram aproximadamente entre os seis e os trinta e seis meses de idade, principalmente. Prejuízos significativos na interação social, com alterações de linguagem, nas relações interpessoais, caracterizada por déficit interação social e no relacionamento com os outros, na capacidade imaginativa e nos movimentos, são algumas das características apresentadas, afetando, de modo geral, seu comportamento social sendo assim um desfio para escola como um todo, e para ações governamentais.

A brincadeira por si só não vai ensinar é preciso um direcionamento pedagógico pensando para interagir o aluno com autismo que precisa de um maior acompanhamento e suporte, o brincar sozinho deve ser trocado por um brincar em grupo, é preciso que a criança aprenda interagir e se sociabilizar.

Segundo Kishimoto (1993, p. 45): Brincar é uma atividade fundamental para o desen- volvimento da identidade e da autonomia. Desde muito cedo as crianças se comunicam por gestos, sons e mais tarde a imaginação. Podemos dizer que brincar é uma atividade natural, espontânea e necessária para sua formação (PERANZONI, ZANETTI e NEUBAUER. 2013, p.1)

Ao utilizar ações lúdicas intencionais em aula, o professor precisa ter a consciência de que o mesmo pode dar ou não os resultados, uma vez que a atividade proposta estará envolvida com múltiplos fatores e dificuldades para a gestão em sala de aula, os quais irão variar de acordo com a adaptação, potencialidades e dificuldades do aluno, cabendo ao professor adaptar estratégias e pesquisa sobre o autismo, para que essa ação tenha sucesso é necessário que o professor esteja capacitado e sempre em formação continua e sobretudo, consciente que ação pode e vai ter sucesso com um planejamento constante.

Segundo Moratori (2003, p.14), ao optar por uma atividade lúdica o educador deve ter objetivos bem definidos. Esta atividade pode ser realizada como forma de conhecer o grupo como qual se trabalha ou pode ser utilizada para estimular o desenvolvimento de determinada área ou promover aprendizagens específicas (BECKEMKAMP, MORAES, 2013, p. 1)

A metodologia e a didática intencional

do professor vai trazer a mediação gradativa que o aluno com autismo necessita para sua real participação em sala é preciso despertar na turma onde o aluno se encontra um clima agradável para sua inserção para que até mesmo os outros alunos compreendam um pouco o universo do colega autista.

A Organização da didática é de fundamental importância para o professor, é através da didática que o professor pode realizar sua aula com sucesso.

Quando o professor planeja seus conteúdos fica fácil de aplicá-los no caso do autismo e imprescindível, assim podemos dizer que a organização da didática é de suma importância para a formação do professor, onde ele poderá observar o que pretende desenvolver em suas aulas.

Desta forma o professor tem como objetivo estimular a reflexão sobre os deveres possibilidades metodológicas que possam respeitar as diferenças individuais dos alunos nas aulas realizando um ensino global.

O professor deve buscar as potencialidades e necessidades do aluno autista que pode ser em diversos campos artes, matemática, música e outros aumentando assim a autoestima do aluno frente às adversidades que venham a surgir aumentando as possibilidades do aluno e que ele se sinta motivado no âmbito escolar é importante que o professor pesquise formas e saiba como reage o aluno frente a situações corriqueiras que o aluno pode apresentar como reações ao toque ou até mesmo gritos agitação.

Conforme Orrú (2009), outro indicativo que devemos observar diante da criança com hipótese de diagnóstico de autismo seria: a falta de interesse por brincadeiras comuns a sua faixa etária, desviar o olhar quando alguém conversa com ela, comportamentos repetitivos: girar em torno de si mesma, balançar a cabeça e agitar objetos, pode apresentar manifestações de autoflagelo, cortando- se, machucando-se ou batendo com a cabeça contra parede, dificuldade em se misturar com outras crianças, crianças com problemas gastrointestinais têm dificuldade para segurar a urina e as fezes. Mesmo quando adultos, muitas vezes precisam utilizar fraldas (SILVA e PERANZONI, 2012, p.1).

O objetivo das ações educacionais, ou seja, a prática do educador é, em primeira instância, adequar condições necessárias para que todos os alunos, sem qualquer ressalva, desenvolvam suas capacidades, salvo suas diferenças, a fim de que esses exerçam sua cidadania de forma plena e integral. As escolas são vistas como pequenos sistemas de modelo da sociedade as quais são capazes de transmitir valores e práticas educacionais, que podendo ser positivos ou negativos dependendo também da ação do professor e equipe escolar, esses ensinamentos serão usados durante a vida e autonomia. Daí toda a sua importância na vida dos educandos,

Todas as organizações caracterizam-se por ter certas finalidades estabelecidas, certos meios pessoais e recursos materiais relativos a tais finalidades. Um centro educacional é uma organização que tem por finalidade a educação dos cidadãos e, para isso, conta com certos meios e recursos materiais, cuja harmonização, diante de seu objetivo, exige uma gestão eficaz. (COOL et al, 1995, p. 296).

Entendemos, no entanto, que uma educação para todos especialmente os alunos com autismo depende de uma política educacional que os inclua de forma efetiva e real no sistema de ensino englobando currículos, projetos de cunho pedagógico, independentemente das diferenças seja ela qual for tomando como base uma sociedade democrática.

Um dos maiores desafios para se garantir uma qualidade de ensino e também aprendizagem é o de existir essa política educacional forte na formação dos professores e de um bom projeto político pedagógico. A educação especial também entra nesta abordagem, considerando que ela deve integrar todas as modalidades e níveis de ensino, tal qual a educação regular. A formação de todos os professores atuantes na escola necessita de uma coerência com a política educacional que busca a integração e inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular.

Projeções da Organização Mundial da Saúde mostram que no Brasil vivem cerca de 30 milhões de pessoas portadoras de deficiência, com diversos graus de comprometimento físico e mental. Menos de 10% dessas pessoas recebem atendimento médico e educacional adequado, por falta de uma política voltada para a deficiência. Isso apesar da lei n 7.853 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio aos portadores de deficiência e sua integração social (MANTOAN, 1997, p.104).

A imensa necessidade em que o educador tenha acesso a cursos, palestras, formação continua e também terem apoio de profissionais como psicólogos, e auxiliar de sala e outros especialistas, para auxiliarem neste trabalho difícil no dia-dia escolar. Portanto, entendesse que o trabalho como Autismo é um tema ainda a ser muito trabalhado em nossa sociedade.

Os alunos com autistismo apresentam dificuldades, pois apresentam inúmeras desordens em seus comportamentos, e para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes a fim de alcançá-los em suas potencialidades. Por outro lado, os autistas também apresentam inúmeras habilidades que devem ser também estimuladas e trabalhadas por meio de estratégias com materiais adaptados, para que tenham a chance de alcançar sucesso na escola e em suas vidas para que seus direitos sejam preservados.

Fala-se muito da educação especial e inclusiva de alunos deficientes visuais, auditivos, físicos, mentais, entre outros, porém o autista muitas vezes tem sido esquecido.

Há falta de incentivo das autoridades competentes e nas políticas educacionais com relação à formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esse aluno vindos de camadas esquecidas de nossa sociedade e como efeito, vemos uma "lacuna" existente na vida de autistas e de seus familiares que se veem sem auxílio adequado.

Em se tratando da formação inicial, entendemos que apesar da grande necessidade, muitos cursos de formação de professores não promovem o desenvolvimento e aprofunda- mento na área das necessidades especiais, ou até, por várias vezes, não divulgam este conhecimento de forma plena.

É fundamental uma formação contínua, o que se apresenta aos professores raramente está inserido na sua realidade em que se identificam os problemas das necessidades especiais, no caso em questão o autismo, sem contar que a disponibilização de recursos materiais oferecidos é crítica, insuficiente e pouco eficaz.

Libâneo (2001, p. 77) diz que: Os educandos diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na sua formação profissional precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão, propósitos éticos para lidar com a diversidade cultural e a diferença, além, obviamente, da indispensável correção nos salários, nas condições de trabalho e de exercício profissional.

A educação de pessoas autistas também está inserida no contexto escolar e não têm recebido devida importância e atenção necessária. Sabe-se que a educação especial e muitas vezes o professor diante da sua realidade estrutural, não tem dado conta desses alunos, cujo comportamento é diferente enigmático, provocando até mesmo sentimento de incapacidade e incompetência nas ações didáticas por falta de recursos.

O AUTISMO NA ESCOLA.

É de suma importância a participação conjunta entre a família e a escola para que se faça um trabalho conjunto geralmente pode haver um impacto principalmente se o professor não tiver nenhuma experiência com o autismo, o aluno pode trazer consigo sinais corporais, fala repetitiva gritos ou até mesmo agressividade, a escola para o aluno autista é um ambiente novo diferente da sua rotina.

É preciso que a escola realmente faça uma inclusão fazendo um trabalho pedagógico para que também os outros alunos entendam o que é deficiência para que não exista nenhum clima de discriminação, sabemos que ainda falta muita estrutura nas escolas brasileiras para acolher de forma harmônica esse aluno, mas a lei garante a esse aluno não só sua matricula, mas também a qualidade e conforto na oferta do ensino. Portanto, na escola (CARVALHO, 1998, p.170 apud CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. 2009).

Pressupõe, conceitualmente, que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente. (CIDADE e FREITAS, 2002, P. 3)

A escola pode ser um veículo facilitador junto à sociedade onde está, poderá adquirir fundamentar e modificar conceitos de participação, colaboração e adaptação. A inclusão social é, portanto, um processo que contribui para a comunicação de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes.

Para melhor compreender as necessidades apresentadas pela maior parte dos alunos portadores de qualquer necessidade especial, é necessário que o professor entenda sobre estas patologias, para poder melhor atender e identificar o nível e quais as necessidades apresentadas pelo aluno e de que maneira deve ser conduzido o trabalho pedagógico para integrar o aluno com necessidade especial, tanto ao conteúdo desenvolvido em sala de aula quanto ao que se refere à integração desse portador com os outros alunos da classe e a escola em si.

Segundo Elias; Assumpção (2000) o autismo está classificado na subcategoria dos transtornos invasivos do desenvolvimento e inclui prejuízos na interação social, na comunicação, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses, atividades e início antes dos 3 anos de idade. [...] Para Tolipan (2000) pode-se encontrar "estados ou formas autistas" associados a outras patologias, tais como a epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras. Isto torna o diagnóstico difícil e é muito frequente o autismo passar despercebido e ser confundido com outros quadros patológicos. Como em qualquer patologia, os casos mais graves são mais facilmente identificáveis (VIEIRA e SIQUEIRA, 2010, p. 1).

A vida moderna faz com que as famílias percam um contato natural que vem de anos, hoje não há mais tempo para as reuniões conversa com os filhos, os almoços e as celebrações em família, o ritmo de vida do mundo moderno está cada vez afastando mais as pessoas.

Além desses fatores naturais, em alguns casos excepcionais os pais concebem um filho com algum problema especial, seja

ele físico ou mental, e muitas vezes passam a ter um sentimento de culpa, de negação para com essa criança, a mãe por pura proteção esconde seu filho, mima-o demais, protegendo de tudo e de todos, se defende e acaba inibindo o desenvolvimento psicomotor e cognitivo de seu filho.

A família tende a esconder seus filhos ou mesmo não levando até a escola negando o aprendizado, fugindo do convívio em sociedade, tentam proteger dos insultos, das artimanhas e preconceitos que a sociedade tende a ter com o uma pessoa com hábitos diferentes.

Toda criança tem direito fundamental a educação, (...) possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. (...) Todos os governos e demandados, (...) aprimorem seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças, independentes de suas diferenças ou dificuldades individuais, etc. (Declaração de Salamanca, ONU, 1994) (SOUZA e FACHADA, 2012, p. 1).

A escola tem um papel reconhecido no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos consigam desenvolver capacidades para se sociabilizar e interagir com as outras crianças, já a família tem também um papel muito importante no que se refere ao apoio realizado, pois é a responsável por dar atenção, os cuidados, amor e irá zelar pela criança no seu lar e por toda vida. É necessário dispensar algumas horas para que as crianças possam se sentir queridas e mostrar o que aprenderam, os pais podem incentivar a comunicação e espontaneamente, criando situações e estímulos que provoquem a necessidade de comunicação. Não se deve antecipar tudo o que a criança precisa, devem-se criar momentos para que ela sinta a necessidade de pedir aquilo que precisa impulsionando o aprendizado em casa dando continuidade ao trabalho realizado pela escola.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar sua metodologia e comunicação a cada aluno. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas para que se possa incluir de forma a não se constranger o aluno bem como incluir realmente o aluno no universo escolar afim que sua participação na escola não seja um fracasso.

O aluno com autismo pode reagir de forma violenta quando submetida ao excesso de pressão e, diante disso, é preciso levar em conta se o programa ou método de ensino está sendo adequado, ou se precisam haver outras mudanças conversa com a família adequação a brinquedos e formas de abordagem ao falar com o aluno ou até mesmo se pode o não tocar, pois algumas crianças reagem negativamente ao simples tocar que com tempo essa barreira pode diminuir conforme aluno e professor estabelecer um maior contato afetivo.

Há uma série de regras que pode ajudar o relacionamento entre o professor e a criança autista. Isto porque o maior desafio para o profissional é recordar da teoria aprendida na faculdade, na hora em que as situações estão ocorrendo. Fazer esta transposição do conhecimento teórico para a prática é muito difícil principalmente na hora de maior tensão e cobranças profissionais e até mesmo pessoais.

O ensino e a sociabilização é o principal objetivo do trabalho com crianças autistas, ensinar coisas funcionais para a criança autista é o maior objetivo de um trabalho adequado e que realmente vai acrescentar algo a vida do aluno e a persistência é um grande aliado desta realização. Todo trabalho de interação da criança com objetos e com situações do meio deve ser feito conjuntamente ao trabalho de capacitação aliando a comunicação da equipe pedagógica.

As crianças autistas parecem que aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo. Por isso, quando pequenas, é interessante estabelecer estímulos. É importante a continuidade fora da escola para o ensino para uma criança autista, para que se torne menos dependente e isolada, mesmo que isto envolva várias tentativas, e ela não consiga assimilar. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar uma comunicação, quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é conveniente reforçar de forma positiva os elogios.

Quando se deseja que a criança olhe para o professor, se segura delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse com estratégias lúdicas em torno do seu aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para toda ação com alunos com algum tipo de deficiência, é preciso ter forte determinação e pesquisa profissional, sendo esta fundamental importância para que se possa desenvolver uma prática educacional adequada com a realidade, que junte o ensino

com a reflexão. Também, devem-se considerar os autistas e suas necessidades e potencialidades, levando para a prática a atenção para que seus direitos educacionais sejam preservados em sua totalidade.

É fundamental o professor com ampla formação geral, com capacidades educativas e interdisciplinares busque metodologias a fim de lidar com os seus alunos de forma a atender suas necessidades isso porque, a formação superior não garante uma prática com qualidade, e sim uma qualificação na área profissional. Para se lidar com as inúmeras diversidades existentes no âmbito escolar, é preciso muito mais que a graduação.

É necessário ter reflexão pedagógica para atender a necessidade e direitos da criança para que possamos ter uma sociedade mais justa e igualitária com equidade.

A imensa necessidade em que o professor tenha acesso a cursos, palestras, e também terem apoio de profissionais como psicólogos, neurologistas, médicos e outros especialistas para auxiliarem neste trabalho difícil no dia-dia escolar. Portanto, entende-se que o trabalho como Autismo é um tema ainda a ser muito trabalhado em nossa sociedade.

Os autistas são pessoas difíceis de trabalhar e desenvolver ações de cunho pedagógico, pois apresentam inúmeras desordens em seus comportamentos, e para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes a fim de alcançá-los em suas limitações. Por outro lado, os autistas também apresentam inúmeras habilidades que devem ser também estimuladas e trabalhadas por meio de estratégias, para que tenham a chance de alcançar sucesso na escola e em suas vidas.

Fala-se muito da educação especial e inclusiva de alunos deficientes visuais, auditivos, físicos, mentais, entre outros, porém o autista muitas vezes tem sido esquecido.

Há falta de incentivo das autoridades competentes e nas políticas educacionais com relação à formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esses alunos vindos de camadas esquecidas de nossa sociedade e como efeito, vemos uma "lacuna" existente na vida de autistas e de seus familiares que se veem sem auxílio adequado.

Em se tratando da formação inicial, entendemos que apesar da grande necessidade, muitos cursos de formação de professores não promovem o desenvolvimento e aprofundamento na área das necessidades especiais, ou até, por várias vezes, não divulgam este conhecimento de forma plena.

É necessária uma formação contínua, o que se apresenta aos professores raramente está inserido na sua realidade em que se identificam problemas das necessidades especiais no caso em questão o autismo, sem contar que a disponibilização de recursos materiais oferecidos é crítica, insuficiente e inadequada.

REFERÊNCIAS

BECKEMKAMP, Daiana. MORAES, Marcos. A utilização dos jogos e brincadeiras em aula: uma importante ferramenta para os docentes. EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 18, nº 186, novembro. 2013. Disponivel em: http://www.efdeportes.com/efd186/jogos-e-brincadeiras-em-aula.htm. Data de acesso: 03/05/2014.

CIDADE, R. E. FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógicana Escola. Integração, v. 14 – Edição 202 Especial - Educação Física Adaptada, p. 27-30, 2002.

CIDADE, R. E. FREITAS, P. S. Introdução a educação física Adaptada para pessoas com deficiência. Curitiba: UFPR, 2009.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Infantis: O jogo, a Criança e a Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos; Adeus professor, adeus professora?: novas 203 exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Memnon, 1997

MORATORI, Patrick Barbosa. Porque utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem? Universidade federal do Rio de Janeiro - Instituto de matemática. Rio de Janeiro, RJ, 2003.

ONU - Organização Das Nações Unidas. Declaração de Salamanca: Sobre Princí- pios Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo: o que os pais devem saber. Rio de Janeiro, 2009.

PERANZONI, Vanessa C. ZANETTI, Adriane. NEUBAUER, Vanessa S. Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras: recursos necessários na prática educacional cotidiana. EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 18, nº 182, julho. 2013. http://ww w.efdeportes.com/efd182/os-jogos-recursos-na-pratica-educacional.htm. Data de acesso: 10/05/2014.

SILVA , Daiana Guarda da. PERANZONI , Vaneza Cauduro. Autismo: um mundo a ser descoberto. EFDesportes.com, Buenos Aires, nº 171, agosto. 2012. Disponivel em: http://www.efdeportes.com/efd171/autismo-um-mundo-a-ser-descoberto.htm. Data de acesso 15/05/2014

VIEIRA, Adilson Fábio. SIQUEIRA, Patrícia C. M. Uma reflexão sobre portadores de autismo, paralisia cerebral, deficiência visual e auditiva e sua inclusão na escola. EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 15, nº 147, agosto. 2010. http://www.efdeportes.com/efd147/portadores-de-autismo-e-sua-inclusao-na-escola.htm. Data de acesso: 10/05/2014.